



UM BEIJÃO DO GORDO

CONHEÇA OU REVEJA ALGUNS DOS MOMENTOS MEMORÁVEIS DA TRAJETÓRIA DO ARTISTA NA TELEVISÃO, NO TEATRO, NO CINEMA E ATÉ NA PINTURA

» NAHIMA MACIEL
» PEDRO IBARRA

Artista múltiplo, Jô Soares colecionava passagens e experiências por várias linguagens. Foi um craque do humor na televisão e no teatro, um apreciador e profundo conhecedor de música, especialmente de jazz, escreveu roteiros e romances (oito no total), atuou em filmes, pintou e fez algumas das melhores entrevistas realizadas na televisão brasileira. Para fechar, evocou essas experiências com maestria em dois volumes de uma autobiografia inevitável para quem quiser saber o que se passou na cena cultural brasileira nos últimos 60 anos.

José Eugênio Soares nasceu no Rio de Janeiro, em 16 de janeiro de 1938, filho do empresário paraibano Orlando Heitor Soares e da dona de casa Mercedes Leal Soares. Passou a infância na cidade até se mudar para a Suíça, aos 14 anos. Em razão de problemas financeiros, a família voltou ao Brasil quando Jô completaria 17. De volta à terra natal, Jô se envolveu com teatro, passou a andar com artistas como o carnavalesco Clóvis Bornay e o diretor Daniel Filho e decidiu se aventurar na arte, à qual se entregou por inteiro. Antes de se tornar conhecido pelos papéis em programas como *Família trapo*, *Viva o gordo* e *Faça humor não faça guerra*, Jô fez muitos bicos, inclusive em estacionamento de supermercado com sequências de esquetes de humor.

O humorista era também escritor. Publicou textos em revistas como *Manchete* e *Veja* e em jornais como *O Globo* e *Folha de S.Paulo*, mas também assinou romances. Entre eles está o best-seller *O Xangô de Baker Street* (1995), adaptado para o cinema em 2001, mas a estreia foi com *O astronauta sem regime*, de 1983. Em 1998, publicaria ainda *O homem que matou Getúlio Vargas*, e, mais tarde, em 2005, *Assassinatos na Academia de Letras*. *As esganadas* foi a última ficção, publicada em 2011. O jejum da escrita seria quebrado mais duas vezes com a autobiografia *O livro do Jô*, lançada em dois volumes entre 2017 e 2018. Um ano antes de contar a própria história, Jô foi recebido como membro da Academia Paulista de Letras.

A carreira menos badalada do humorista foi na pintura. Ele se envolveu com artes plásticas ainda novo, nos anos 1960, influenciado por José Roberto Aguilar. Em 1986, expôs na Galeria de Ipanema, no Rio de Janeiro. Seis anos depois aposentou os pincéis por conta de um acidente de moto, que limitou os movimentos nos braços. Voltou em 2004, com ajuda dos computadores. Ele fazia desenhos que escaneava e manipulava pelo computador. Chegou a expor uma segunda vez em São Paulo. Quadro de luz era uma reunião de imagens que tratavam do cinema noir, histórias em quadrinhos e teatro, um trabalho cheio de referências da pop art, estilo preferido de Jô.

Críticas veladas

Na televisão, explorou os mais diversos caminhos e deu vida a mais de 200 personagens. As figuras apresentadas no programa *Viva o gordo!*, como Capitão Gay, um super-herói gay que fazia críticas veladas à ditadura, Zé da Galera, que ligava para Telê Santana pedindo mudanças nas convocações, e Reizinho, um monarca sempre com problemas no reino, se destacaram nos anos 1980. Mas a carreira artística no cinema teve início muito antes, com *Rei do movimento*, de 1954, *De pernas pro ar*, em 1957, *Pé na tábua*, em 1958. Jô se destacaria na telona em longas como *O homem do Sputnik* (1959), *Vai que é mole* (1960), *Pluft, o fantasminha* (1962), *A dona da história* (2004), *As aventuras de Agamenon, o repórter* (2012) e *Giovanni Improtta* (2013).

O humorista fazia sucesso nas telas, mas tinha o coração nos palcos. Atuou em adaptações de *O auto da compadecida* e *Oscar*, nos anos 1960, e em espetáculos próprios como *Ame um gordo antes que acabe* (1976), *Viva o gordo e abaixo o regime!* (1978), *Um gordão no país da inflação* (1983), *O gordo ao vivo* (1988), *Um gordo em concerto* (1994) e *Na mira do gordo* (2007). Como diretor, também tem carreira extensa, com montagens como *Os sete gatinhos*, de Nelson Rodrigues, *Romeu & Julieta* e *Ricardo III*, de William Shakespeare, *Frankenstein*, de Eduardo Manet, e *Três dias de chuva*, último espetáculo que dirigiu, em 2013.

Foi na televisão que Jô coroou a própria trajetória, não apenas por ter interpretado

AS MÚLTIPLAS FACES DE JÔ SOARES

Arquivo CB/Divulgação



Jô Soares no programa *Viva o gordo*



O General hospitalizado que não se conformava com o fim da ditadura



Norminha



Jô Soares como Vovó Naná



Jô Soares como Capitão Gay



Jô Soares na pele de Zé da Galera



Jô Soares em *Faça humor não faça guerra*



Jô Soares de Punk Frutuoso

PERSONAGENS DE DESTAQUE

Reizinho: Um dos aclamados 22 personagens de um dos programas mais marcantes de Jô, era um monarca indeciso que dava nos nervos da própria corte com a falta de conclusão sobre os problemas do futuro do próprio reino

Capitão Gay: Um super-herói vestido de rosa que defendia a cidade do crime. O herói tinha até um próprio jingle que acabou sendo gravado em um compacto e vendido nas lojas de discos. Acompanhado do ajudante Carlos Sueli (Eliezer Motta), o Capitão fazia o público rir, enquanto transmitia um discurso velado contra a ditadura militar, que assolava o Brasil na época.

Zé da Galera: Torcedor fanático da seleção brasileira, ligava para Tele Santana pedindo alterações nas escalafões do time e convocação de outros jogadores.

Norminha: Uma das várias mulheres interpretadas pelo artista, Norminha era uma cantora hippie que buscava a fama a todo custo. O lema dela era "Paz, amor, som e Norminha", enquanto fazia o número quatro com os dedos.

Vovó Naná: Era uma velha corcunda e meio surda que sonhava com uma vaga na televisão. Jô abordou o etarismo ao sugerir uma personagem idosa como destaque TV.

o reizinho. Em *Viva o gordo*, deu vida a 22 personagens humorísticos diferentes. O talento era completo: se o artista se destacava em frente às câmeras, também era notável atrás das lentes. Jô se destacou como redator do programa *Família trapo*, ao lado de Carlos Alberto de Nóbrega, na TV Record, na qual também ganhou visibilidade com o personagem Gordon. Na década de 1970, chegou à Globo ao convite José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni (ex-diretor geral da emissora). Lá, passou a integrar o elenco de humorísticos como *Faça humor, não faça guerra*, *Satircôm*, *Planeta dos homens* e *Praça da alegria*, até chegar ao título que o consagrou.

Na carreira de apresentador, Jô deu nova cara ao formato dos programas de entrevista. O primeiro vislumbre de Jô Soares como entrevistador foi em 1973, no Globo gente, mas foi com o *Jô Soares Onze e Meia*, a partir de 1988, que a caminhada pelo universo das entrevistas deslançou: foram 11 anos no ar no SBT. No ano 2000, ele voltou para a Globo para fazer o *Programa do Jô*, o talk-show mais importante da televisão brasileira. Foram mais de 14 mil entrevistas em 16 anos no ar. Em dezembro de 2016, Jô se aposentou das telas deixando um vasto legado e terminando o último programa com a frase: "A todo esse pessoal, meu eterno beijo do Gordo".